

Campanha Nacional 2026: categoria se mobiliza em defesa do emprego, mais saúde e valorização

Fotos: Sérgio Cardoso



Na minuta geral de reivindicações entregue aos bancos, a categoria bancária traz em destaque as pautas por melhores condições de trabalho, fim do assédio, defesa do emprego e da implementação de um modelo de gestão que respeite a saúde mental e física dos trabalhadores.

■ Páginas 04 e 05

BB e Caixa: bancários saem em defesa da sustentabilidade dos planos de saúde de autogestão

■ Páginas 03 e 07

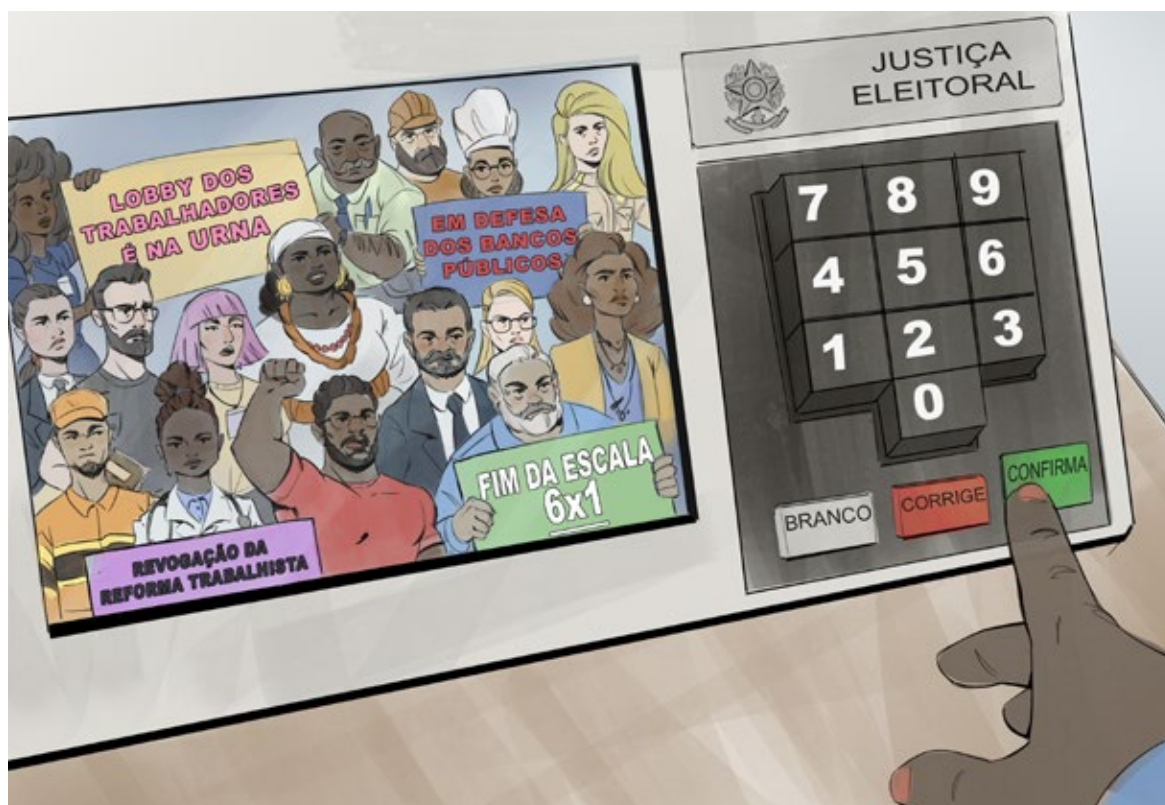
Para Safatle, o fascismo não é irracional, mas uma possibilidade inseparável das sociedades liberais

■ Página 06



Banestes: empregados vão à luta pelo fim das demissões arbitrárias

■ Página 08



Brasil com S

Em 2018, o eleitor brasileiro estava numa encruzilhada eleitoral. Na telinha da urna aparecia um professor e um capitão do Exército saudosos da ditadura. A maioria escolheu o capitão. Deu no que deu! Em 2022, mesmo com um legado de mais de 700 mil mortes no currículo, o capitão ainda conseguiu convencer milhões de eleitores a apoiá-lo numa reedição da marcha da insensatez. Por dois milhões de votos, prevaleceu nas urnas o ex-metalúrgico forjado no movimento sindical. Lula está há quatro anos tentando reconstruir o Brasil destruído por Bolsonaro.

Este ano, os brasileiros estão às voltas na encruzilhada eleitoral. O passado recente mostra que para continuar a escrever Brasil com S, de soberano, é imperativo derrotar o bolsonarismo. Flávio, que reivindica o espólio político do pai, preso por tentativa de golpe de Estado, quer retomar o projeto fascista abortado com a derrota de Jair. O Brasil de Flávio se escreve com "Z". Seu principal projeto de política externa é arrendar o país aos EUA. A carta recentemente enviada a Trump, que mais parece um tratado de subserviência antecipada, detalha esse entreguismo. O filho Zero Um promete, por exemplo, rever o PIX. O revolucionário meio de pagamento instantâneo criado pelo Brasil é considerado por Trump "desleal" com as empresas norte-americanas de cartão de crédito. Trump manifesta irritação com a

"ousadia" do governo Lula, que insiste em defender a soberania do Brasil. Com Flávio eleito, Trump derrubaria a grande (e última) linha de resistência na América do Sul ao projeto fascista global dos EUA.

Se a política externa de Flávio é retroceder o país à condição de colônia, a interna já se conhece muito bem pelo retrospecto do seu pai. A classe trabalhadora foi o maior alvo de Jair. Durante os quatro anos, além de aprovar a reforma da Previdência, Bolsonaro editou uma série de medidas provisórias para arrotar ainda mais o torniquete da reforma trabalhista. O herdeiro promete retomar o projeto de ataques à classe trabalhadora.

Ante a esta perspectiva de destruição que representa uma vitória de Flávio, como não podia ser diferente, durante a 26ª Conferência Nacional das Bancárias e Bancários, a categoria firmou posição em defesa da reeleição de Lula, a partir da construção de um consenso de que a retorno do bolsonarismo representa o extermínio da classe trabalhadora como conhecemos hoje. "Pelos bancários e pelo Brasil!" foi a frase que uniu a categoria em torno das lutas da Campanha Nacional deste ano, como a valorização salarial, defesa dos empregos e ampliação de direitos. Essa luta passa obrigatoriamente pela reeleição de Lula e eleição de deputados e senadores verdadeiramente comprometidos com a classe trabalhadora.

Deus não morreu. Ele tornou-se Dinheiro: A remuneração variável e o pacto de Fausto na categoria bancária

"Deus não morreu. Ele tornou-se Dinheiro". Essa é a tese de um dos maiores filósofos vivos, o italiano Giorgio Agamben. Segundo ele, o capitalismo não se reduz a um sistema econômico. Ele é uma verdadeira religião. Mas diferentemente de todas as demais religiões que existem ou existiram, o capitalismo é a única que faz do trabalho um culto, e do dinheiro objeto de veneração.

Parece exagero?

Então pense:

Todos nós já sofremos. Todos nós temos medo de sofrer. E não faltam no mundo causas para o sofrimento. Ao mesmo tempo, todos nós buscamos a libertação do sofrimento. Todos nós temos o desejo ardente de não sofrer. Queremos ser felizes, alegres, realizados. Queremos a paz, a tranquilidade e a segurança.

Pronto. Encontramos uma polaridade religiosa: O bem e o mal. A redenção e o castigo. O paraíso e o inferno.

Agora traga tudo isso para o seu cotidiano e você verá que o inferno é a pobreza e o paraíso é a riqueza.

Mesmo sem perceber, perseguimos o dinheiro como uma promessa muito mais profunda do que apenas a busca por recursos suficientes para sobreviver.

Buscamos o dinheiro com a fé de que sob seu manto estaremos finalmente protegidos e seguros contra as trevas da pobreza que nos espreita e apavora. O dinheiro é nosso pastor e nada nos faltará.

O triste fim de todos que se levantam para essa cruzada em busca do deus dinheiro é suportar a contradição de tornar sua vida no presente um inferno, mas com a fé de um paraíso futuro por vir.

Entendendo isso, os bancos - templos erguidos para o deus dinheiro - constroem lógicas de remuneração variável que são um verdadeiro pacto de Fausto para os bancários.

Em Fausto, do escritor alemão Goethe, um homem faz um pacto com o demônio Mefistófeles. O demônio o servirá na vida presente, e, em troca da felicidade que essa vida poderá lhe trazer, ficará com a alma do homem no futuro.

André Guerra - Psicólogo, Doutor e Mestre em Psicologia Social e Institucional, Especialista em Psicologia Clínica Fenomenológico-Existencial, Sócio-Fundador da Clínica Pólis - Assessoria em Política de Saúde Sindical



Acesse aqui o artigo completo

BANCÁRIO

Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras do Ramo Financeiro no Estado do Espírito Santo
Rua Wilson Freitas, 93, Centro, Vitória/ES -
CEP 29016-340 | Tel: (27) 3331-9999, Colatina (3722-2647), Cachoeiro, (3522-7975) e Linhares (3371-0092)

Coordenador-Geral: Carlos Pereira de Araújo
Diretora de Imprensa: Rita Lima | Editores: Ludmila Pecine - MTb 2391-ES, José Rabelo - MTb 62.806-SP, Karina Moura - MTb 2375/ES, Julia Barone | Redes Sociais: Lorraine Paixão | Editoração: Gustavo Binda
E-mail: secretariageral@bancarios-es.org.br
Impressão: Grafita | Tiragem: 6,5 mil | Distribuição gratuita

www.bancarios-es.org.br

Fim do teto do Saúde Caixa será pauta central nas mesas de negociações específicas

Entre os dias 17 e 19 de junho, o 41º Congresso Nacional das Empregadas e dos Empregados da Caixa Econômica Federal (Conecef), em São Paulo, reuniu 281 delegadas e delegados de todo o país, que debateram mais de 500 propostas construídas a partir das conferências estaduais. Essas propostas subsidiaram a minuta de reivindicações específicas já entregue à Caixa. O fim do teto do Saúde Caixa, saúde e condições de trabalho, fim das metas abusivas, valorização dos empregados, carreira e remuneração variável estão entre os pontos centrais da minuta. Em relação aos eixos políticos da campanha salarial, destaques para a reeleição do presidente Lula e a defesa da Caixa 100% pública.

Para o dirigente do Sindicato dos Bancários/ES André Tosta, que participou dos debates do Conecef, todas essas pautas são tratadas como prioritárias, mas ele faz uma ressalva no artigo que defende o fim do teto do Saúde Caixa. “O Saúde Caixa só terá saída se o teto estatutário de 6,5% da folha de pagamento para o custeio do plano for derubado. Do contrário, as premissas do plano como mutualismo, solidariedade e pacto intergeracional ficam inviabilizados. A imposição do teto deve ser extinta porque transfere os custos para os usuários e inviabiliza a sustentabilidade do plano no médio e longo prazo”, enfatiza. André destaca ainda que o Saúde Caixa precisa garantir o acesso ao plano para todos, inclusive na aposentadoria para os empregados admitidos após 2018.

De acordo com a minuta, a Caixa deve assegurar reajuste zero das mensalidades, contribuições e demais cobranças devidas pelos beneficiários do Saúde Caixa durante a vigência do ACT, preservando as atuais condições de custeio e vedando qualquer majoração unilateral dos valores suportados pelos empregados e aposentados.

SAÚDE E FIM DAS METAS ABUSIVAS

O dirigente afirma que a saúde do trabalhador é outro tema prioritário. Ele apontou as metas como o principal gatilho do adoecimento mental da categoria. “O modelo de negócios dos bancos (públicos e privados) é estruturado a partir das metas, que combinam sobrecarga de trabalho, multitarefas e o controle e vigilância algorítmica, cada vez mais intensa com os avanços tecnológicos dos últimos anos. Esses mecanismos têm impacto direto na saúde mental do trabalhador”, observa o dirigente. Erradicar as metas abusivas, adverte André, é o primeiro passo para mitigar o adoecimento da categoria.



DELEGAÇÃO QUE REPRESENTOU OS BANCÁRIOS E AS BANCÁRIAS CAPIXABAS NO 41º CONECEF

REMUNERAÇÃO VARIÁVEL

Outro ponto bastante debatido no Conecef e presente na minuta é a remuneração variável. André apontou que há uma insatisfação do movimento sindical, das associações e representações dos empregados com a postura unilateral da Caixa ao impor os programas de remuneração variável de cima para baixo.

Em relação ao Bônus Caixa, por exemplo, a insatisfação dos empregados se refere ao fato das regras do plano não serem claras e existirem grandes discrepâncias entre os beneficiários. O dirigente cita como exemplo as bonificações da matriz, que ficaram muito superiores às bonificações dos gerentes da rede de atendimento.

Em relação ao Super Caixa, as regras foram alteradas com o programa em andamento. “Resultado, os empregados tinham expectativa de receber um valor, mas receberam outro [menor] porque as regras do jogo mudaram”, apontou.

O Artigo 78 da minuta propõe que a Caixa revise integralmente o programa Super Caixa. Reivindica que a Caixa adote o princípio “vendeu, recebeu”, que garantiria o pagamento integral do comissionamento e das premiações decorrentes das vendas e entregas efetivamente realizadas pelos empregados.

EIXOS POLÍTICOS

A reeleição do presidente Lula e de candidatos e candidatas comprometidos com a classe trabalhadora foi um eixo político recorrente nos congressos específicos dos bancos públicos e nos encontros nacionais dos privados. O eixo também foi ratificado

na 28ª Conferência Nacional das Bancárias e Bancários, nos dias 20 e 21 de junho, em São Paulo. Ao se comprometerem com a reeleição de Lula, as delegadas e delegados presentes no Conecef reforçam a defesa da Caixa 100% pública e o resgate do seu papel social, que sempre foi um pilar do banco desde sua fundação, há 165 anos, e que sofreu ataques nos governos recentes de direita como Temer e Bolsonaro.

“Causa-nos preocupação ver a Caixa se distanciando da sua vocação social e se aproximando do modelo de negócio dos bancos privados. Podemos afirmar isso, por exemplo, em relação às metas”. André resalta que o adoecimento da categoria não tem poupado os bancários e bancárias dos bancos públicos porque o modelo de negócio é cada vez mais semelhante ao dos bancos privados. “Não podemos aceitar a lógica do lucro a qualquer custo como um novo normal. Queremos a Caixa como um agente de fomento do desenvolvimento socioeconômico da população brasileira, especialmente dos segmentos mais vulneráveis. Além do resgate do seu papel social para fora, precisamos nos mobilizar nesta campanha para que a Caixa também revise suas políticas internas, valorizando seus empregados, erradicando as metas abusivas e cuidando verdadeiramente da saúde do trabalhador e da trabalhadora”. André acrescenta ainda que, caso a Caixa não derrube o teto de 6,5%, não está descartada uma greve.

Fique atento às negociações com a Caixa no nosso site (bancarios-es.org.br) e nas redes sociais (@sindibancarios.es).

Bancários e bancárias em Campanha Nacional vão à luta por mais saúde, emprego e valorização salarial

Rodadas de negociação começaram no dia 03 de julho. Categoria cobra dos bancos melhores condições de trabalho, fim das metas abusivas e das demissões

Bancários e bancárias de todo o país estão mobilizados na Campanha Nacional 2026. As negociações com a Federação Nacional dos Bancos (Fenaban) iniciaram dia 02 de julho e o Comando Nacional dos Bancários já apresentou as reivindicações para garantir a inclusão e ampliação da contratação de pessoas com deficiência (PCDs), a adoção da jornada de trabalho 4x3, o teletrabalho e o direito à desconexão, a defesa do emprego bancário, o fim da precarização do atendimento e do fechamento de agências.

A pauta da categoria foi discutida e construída na 28ª Conferência Nacional das Bancárias e Bancários. As minutas de reivindicações foram submetidas à votação em assembleias realizadas em todos os estados e foram aprovadas por 97% da categoria. Dos 133 artigos que compõem o documento, os destaques vão para o aumento real de salário, saúde e emprego.

Além desses pontos, bancários e bancárias também definiram a defesa da democracia, dos bancos públicos e da regulamentação do sistema financeiro como eixos políticos para a campanha. Sobre o reajuste salarial, o Sindibancários/ES defendeu o INPC (Índice Nacional de Preço ao Consumidor) mais 10% de aumento real. Na minuta aprovada, porém, o índice ficou em 5% de aumento real no salário e nas demais verbas, como PLA, VA e VR.

PACTO PELA SAÚDE

Segundo dados da Consulta Nacional, 72,6% dos bancários acredita que o ambiente de trabalho afeta negativamente a saúde mental dos trabalhadores.

Para Carlos Pereira de Araujo (Carlão), coordenador-geral do Sindicato e integrante do Comando Nacional, os resultados da Consulta Nacional confirmam que as metas são as principais causas do adoecimento da categoria, principalmente do adoecimento mental.

“O pacto pela saúde é uma das centralidades da campanha. Nós queremos e precisamos envolver os bancos para que assumam sua responsabilidade em mudar as ferramentas, a gestão, os processos de trabalho. A Consulta revelou alguns dados alarmantes sobre o uso de medicamentos, ambiente de trabalho e preocupação com as metas, que têm adoecido os bancários”, destacou Carlão.

MANUTENÇÃO DO EMPREGO

“Um outro ponto importante, diretamente ligado à saúde, é a questão do emprego ban-



ATO DE LANÇAMENTO DA CAMPANHA NACIONAL REALIZADO NO DIA 24 DE JUNHO

cário. A nossa categoria está sendo reduzida drasticamente, os bancos estão ampliando as demissões e fechando agências. O que resulta no aumento da sobrecarga de trabalho e no adoecimento dos trabalhadores bancários. Além disso piora a qualidade do serviço. Precisamos não só manter, mas ampliar os postos de trabalho para atender de forma respeitosa a população”, afirmou o dirigente.

Em 2025, os cinco maiores bancos obtiveram conjuntamente um lucro líquido de R\$ 124 bilhões. Entre 2020 e 2025, os bancos públicos e privados registraram crescimento de 46% e 114%, respectivamente, no lucro líquido.

Apesar desses resultados, desde 2016 o setor eliminou mais de 83,5 mil postos de trabalho e, desde 2015, mais de 8,5 mil agências.

“O lucro dos bancos chega a ser um absurdo. É indefensável que com um lucro de dezenas de bilhões, milhares sejam demitidos e os que permanecem adoecem. Essa postura revela explicitamente que os bancos não têm compromisso social nem com os bancários, nem com a população”, pontuou.

A categoria bancária também defende a implementação da jornada de trabalho 4x3. A conquista desse direito resultará na promoção da qualidade de vida dos trabalhadores, além de ter potencial de gerar mais de 429 mil empregos bancários, um aumento de 103% do número de trabalhadores no setor.

“NOSSA FORÇA É NOSSA AÇÃO COLETIVA”

Carlão também destacou que o engajamento dos bancários na Campanha Nacional mostra a força da categoria e é fundamental para que as negociações avancem.

“Sem a mobilização da categoria não vamos avançar em novas conquistas. Por

isso, é crucial que os bancários e bancárias capixabas se engajem nessa luta, participem das assembleias e dos atos. Seja nas ruas, redes, agências ou departamentos, a participação de todos é fundamental. Nossa força é a nossa ação coletiva”, concluiu.

Principais reivindicações dos bancários e bancárias

- 5% de aumento real no salário e nas demais verbas, como VA e VR;
- Fim das metas abusivas;
- Manutenção do formato atual da PLR (percentual do salário mais parcela fixa e adicional);
- Manutenção da mesa única, da CCT pra toda a categoria e dos direitos já conquistados;
- Defesa do emprego bancário;
- Defesa dos bancos públicos;
- Distribuição melhor dos ganhos da tecnologia, e pelo fim do monitoramento excessivo no teletrabalho, preservando a privacidade do bancário.

Confira o calendário das rodadas de negociações

16/07: Igualdade de Oportunidades, endividamento e monitoramento

21/07: Saúde e condições de trabalho

30/07: Remuneração e cláusulas econômicas

Acompanhe as redes sociais do Sindicato para mais informações sobre a Campanha Nacional e as negociações.

Consulta Nacional aponta prioridades dos bancários e das bancárias

Resultado evidencia a preocupação dos trabalhadores com valorização salarial, preservação de direitos, empregos e os impactos das metas abusivas no ambiente de trabalho

O resultado da Consulta Nacional dos Bancários 2026 foi apresentado na 28ª Conferência Nacional da categoria, que aconteceu entre os dias 19 e 21 de junho, em São Paulo. A pesquisa, realizada entre 17 de abril e 31 de maio, recebeu 54.952 respostas e apontou as prioridades para bancários e bancárias de todo país.

Entre as cláusulas econômicas, a categoria indicou o aumento real de salário (93%), aumento da PLR (63%) e aumento maior do VA e VR (51%). Também foi citado o aumento do piso da categoria (31%), Plano de Cargos e Salários (25%), igualdade salarial (10%), aumento da ajuda de custo para home office (3%) e aumento do auxílio combustível (2%).

Quanto ao eixo político, vale destacar que 94% dos respondentes se preocupam em eleger candidatas e candidatos comprometidos com as pautas dos trabalhadores no Executivo e Legislativo federal e estadual, sendo 75% muito importante e 19% importante.

EMPREGO E MANUTENÇÃO DE DIREITOS

A categoria bancária apontou como prioridades nas cláusulas sociais a manutenção de direitos (65%), emprego (45%), plano de saúde (39%), combate ao assédio moral (35%), jornada de quatro dias semanais (30%), igualdade de oportunidade (24%), previdência complementar (19%) e impacto das inovações tecnológicas (17%).

Entre os bancos públicos, a manutenção dos direitos representa a principal pauta social, chegando a 77% entre empregados do Banco do Brasil e 75% na Caixa. Já nos bancos privados, o emprego também possui um percentual alto, sendo 58% no Bradesco e no Santander e 53% no Itaú-Unibanco.

A preocupação com o emprego também está presente quando se discute sobre os avanços tecnológicos no setor bancário: 72% dos respondentes acreditam que a garantia de emprego deve ser um tema prioritário na negociação coletiva.

SAÚDE, METAS ABUSIVAS E ADOECIMENTO DA CATEGORIA

Nos últimos anos, o número de afastamentos por saúde mental no setor bancário tem crescido intensamente e, de acordo com a pesquisa, 72,6% dos bancários acredita que o ambiente de trabalho afeta negativamente a saúde mental dos trabalhadores. Esse percentual cresce consideravelmente entre os

bancários do Banco do Brasil, atingindo 81%, seguido por 76% na Caixa e 71% no Bradesco.

Além disso, 40% dos respondentes afirmaram que fizeram uso de medicamentos controlados, como antidepressivos, ansiolíticos e estimulantes, nos últimos 12 meses.

Outro ponto importante revelado pela pesquisa é o impacto das metas abusivas estabelecidas pelos bancos: 67% dos bancários têm preocupação constante com o trabalho; 59% cansaço e fadiga constante; 47% desmotivação e vontade de não ir trabalhar; 42% crises de ansiedade ou pânico; 39% dificuldade em dormir, mesmo aos finais de semana; 24% medo de “estourar” ou perder a cabeça; 21% crises constantes de dor de cabeça, dores de estômago ou gastrite nervosa e dor ou formigamento nos ombros, braços ou mãos.

“O resultado da pesquisa é alarmante,

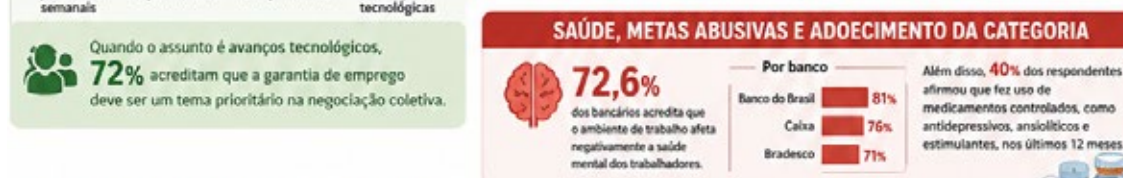
principalmente num contexto de metas, que exigem cada vez mais dos trabalhadores, incentivam a competição entre colegas e pressionam por resultados. Nesse modelo de gestão adotado pelos bancos não há espaço para todo mundo, então vai gerar um adoecimento cada vez pior da categoria”, afirma o secretário de Saúde do Sindibancários/ES Ronan Teixeira.



A pesquisa foi realizada entre 17 de abril e 31 de maio e recebeu **54.952 RESPOSTAS.**



O resultado foi apresentado na 28ª Conferência Nacional da categoria, de 19 a 21 de junho, em São Paulo.



Durante a Conferência Estadual dos Bancários deste ano, o filósofo Vladimir Safatle trouxe uma reflexão perturbadora sobre a ameaça interna do fascismo. Autor do livro “A ameaça interna: psicanálise dos novos fascismos globais” (Editora Ubu, 2026), Safatle aponta a existência de um fascismo estrutural próprio das sociedades liberais. Nesta entrevista ao Correio Bancário, o professor também destaca a luta da categoria bancária contra um dos setores mais violentos do capitalismo.



Foto: Sérgio Cardoso

Diálogo: Vladimir Safatle

Para Safatle, o fascismo é uma resposta racional às crises do capitalismo

O senhor costuma afirmar que o fascismo é uma resposta racional a este mundo em que vivemos hoje. Isso significa que a extrema direita soube fazer melhor a leitura das crises contínuas do capitalismo e oferecer uma resposta mais tangível à população?

Eu falo isso com muita tristeza no coração, você pode imaginar. Mas acho que por obrigação, por dever de precisão conceitual, é importante entendermos isso. Eles deram uma resposta ao sistema de crise que nós vivemos atualmente e a esquerda não tinha um diagnóstico correto das crises do capitalismo, porque ela não entendeu que essas crises eram terminais e estacionárias, crises impossíveis de serem gerenciadas dentro do próprio capitalismo. Essas crises exigiam uma alternativa de transformação radical, porque elas não iam simplesmente passar. Não havia como fazer uma gestão mais humana das crises.

Qual a estratégia da extrema direita para apresentar uma saída possível para a sociedade?

A extrema direita não governa, abre mão de governar. Vamos pegar um exemplo como o Milei [Javier Milei, presidente da Argentina]. Ele é aquele que decompõe a capacidade de intervenção do Estado. O Estado vira cada vez mais um Estado de gestão de segurança, só, mais nada. É a proposta que a extrema direita apresenta. Não é que ela traz um melhor governo. Não é isso. O Bolsonaro não foi exatamente o melhor governo. A extrema direita não tem o melhor governo. A proposta dela é mais radical, não há mais como governar. Não há mais governo. Onde não há mais governo, a questão fundamental é liberar a força, entre aspas, natural da sociedade. Liberar os indivíduos do peso da sociedade e permitir que os indivíduos tentem lutar, cada um por si, para a sua própria sobrevivência.

No livro, o senhor chama atenção para as dinâmicas libidinais do fascismo, que são usadas para mobilizar os afetos. O senhor pode explicar como

funcionam essas dinâmicas libidinais?

Para entender o fascismo, não basta descrever as mudanças macroestruturais no Estado, nas dinâmicas partidárias, nos grandes movimentos políticos. É necessário também ter uma visão microestrutural, tentar entender como é que mudam as relações afetivas, as dinâmicas dos desejos, porque há dois tipos de crise que acontecem ao mesmo tempo para explicar o fascismo: uma crise nessas macroestruturas de reprodução social e outra na maneira com que os sujeitos se autocompreendem. Isso não pode ser diferente porque, de certa forma, uma depende da outra. Só que isso significa o quê? Que os sujeitos vão sentindo a decomposição social. E ao sentir a decomposição social, eles sentem também que todos os esforços que eles fizeram para poder se integrar socialmente, todas as repressões que eles tiveram que fazer, todas as limitações que eles tiveram que fazer, toda a internalização das regras, das leis, das normas, dos ideais que eles precisaram fazer, não fazem mais sentido.

“Os banqueiros são o câncer da sociedade. É a pior classe de defesa do capital”

Desviando um pouco do tema fascismo, a categoria bancária é uma das poucas organizadas nacionalmente no Brasil e que reúne quase meio milhão de trabalhadores. No entanto, a última greve nacional aconteceu há mais de 10 anos. A leitura que se faz é de que a opção da maioria que está à frente do Comando Nacional dos Bancários é optar por uma negociação mais de consenso e evitar o enfrentamento [com os bancos].

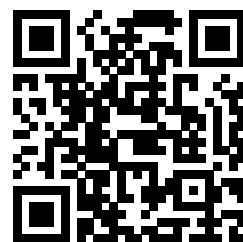
Eu diria com muita clareza, é impossível negociar com banqueiros. Os banqueiros são o câncer da sociedade. É a pior classe

de defesa do capital. Como a gente já sabe, desde o começo do século XX, o capitalismo se tornou um capitalismo financeiro. Um capitalismo onde se articula capital bancário, capital produtivo e capital industrial. E dentro dessa dinâmica, o capital bancário tem prevalência dentro do capitalismo. Os bancos são o eixo fundamental do capitalismo. Eles estão dispostos a qualquer tipo de ação autoritária para preservar seus interesses.

O capital, antes de mais nada, é uma classe também. E a gente percebe muito claramente como esses interesses, no caso brasileiro, nos levam aos piores momentos da nossa história. Foi graças ao capital financeiro, por exemplo, que você teve uma aliança civil-militar, que produziu a ditadura militar. É impossível pensar o golpe militar de 1964 sem a participação dos bancos. É impossível pensar o golpe parlamentar, depois do governo Dilma, sem a participação do setor financeiro. É impossível pensar Bolsonaro sem a participação do setor financeiro.

Uma sociedade livre é uma sociedade com menos bancos. Onde os processos financeiros são coordenados de outra maneira, por cooperativas, por exemplo, que são mais próximas da sociedade. Os bancos obrigam a sociedade a se reconstruir a partir dos seus interesses de taxação, de lucro... São seus interesses que impõem, em última instância, uma dinâmica completamente distorcida para o interior da sociedade.

E acho a luta dos bancários uma luta gloriosa. Eu acho uma luta fundamental, uma luta que pega, como eu disse, um dos setores mais violentos do capitalismo brasileiro. E acho que essa luta da categoria bancária tem que ter toda a nossa solidariedade.



Assista a entrevista completa

Remuneração, saúde e condições de trabalho são destaques da minuta

Entre os eixos políticos, foram apontados a reeleição de Lula e o papel do BB como banco público

Após três dias de intensos debates durante o 36º Congresso Nacional dos Funcionários do Banco do Brasil (CNFBB), cerca de 280 delegados e delegadas de todo o país aprovaram os 62 artigos que compõem a minuta de luta do acordo específico da Campanha Nacional de 2026, já entregue aos dirigentes do BB. Durante os dias 17, 18 e 19 de junho, em São Paulo, os delegados, divididos em quatro grupos temáticos (remuneração e valorização do trabalhador; saúde do trabalhador; condições de trabalho e previdência), debateram as propostas construídas nos congressos estaduais. A delegação que representou a base capixaba do BB no congresso, indicou como eixos centrais remuneração, saúde e condições de trabalho. A reeleição de Lula e o papel público do BB foram destaques entre os eixos políticos.

Na avaliação do dirigente do Sindicato dos Bancários/ES Igor Chagas, o congresso deste ano foi mais organizado e contou com maior participação da base. O dirigente atribuiu a entrega antecipada da minuta específica, antes dos congressos estaduais, como um aspecto positivo. “Tivemos mais tempo de pedir para a base fazer sugestões de alteração e acréscimos na minuta. Essas sugestões foram debatidas no nosso congresso estadual, em abril. Depois, no Congresso Nacional, tivemos o retorno dos grupos de trabalho, nos quais pudemos discutir as sugestões aprovadas nos congressos estaduais de todo o país”.

Igor acrescenta que em razão dessa ampla participação da base, o resultado foi uma minuta bem democrática e abrangente, que reflete mais fielmente os anseios dos funcionários e funcionárias do BB. “Os debates e a minuta retrataram a situação crítica da categoria. Os colegas estão adoecidos e esgotados com tanta pressão, imposição de metas absurdas, sobrecarga de trabalho, devido à falta de funcionários, e com a profunda cultura da individualização”, critica.

PONTOS EM DESTAQUE DA MINUTA

Remuneração e plano de carreira - O parágrafo 1º do Artigo 3º reivindica que o vencimento padrão (VP) do A-1 passa a ser o equivalente a dois pisos do Dieese (cerca de R\$ 15.900), corrigindo os 12 níveis seguintes do PCR com o interstício de 6%.

Já o parágrafo 7º prevê que os funcionários com funções comissionadas terão acréscimo de 10% em seus adicionais de função a cada ano de permanência na mesma, a título



DELEGADAS E DELEGADOS DO BB DEFENDERAM AS REIVINDICAÇÕES DOS CAPIXABAS NO 36º CNFBB

de crescimento horizontal na carreira. Igor afirma que esse é um anseio dos colegas que ocupam cargos comissionados. “Em 2016, após o golpe imposto à presidenta Dilma, teve início a um processo de perseguição no BB que não parou mais. Os funcionários comissionados representam hoje a maioria dos trabalhadores. O fantasma da punição com a retirada do comissionamento aprofunda o adoecimento da categoria. Essa reivindicação visa trazer mais segurança para os bancários e bancárias do BB”, aponta Igor.

SAÚDE DO TRABALHADOR

O adoecimento epidêmico da categoria bancária, especialmente o mental, em função das metas abusivas e da sobrecarga de trabalho, obrigatoriamente, ocupou o centro dos debates nos congressos estaduais e o eixo repercutiu nos congressos nacionais. Igor aponta o Artigo 11º da minuta (assistência médica), com destaque para os parágrafos 19º e 28º.

O 19º pleiteia que o BB implemente na Cassi ferramenta que propicie separar os custos dos adoecimentos oriundos da relação com o trabalho, que devem ser arcados pelo banco, dos custos gerais dos programas de Atenção Integral à Saúde na Cassi, que visam toda a população assistida da Caixa de Assistência Médica. O Parágrafo 28º propõe a criação de uma ferramenta para separar esses custos. “Ora, se é o banco que nos adoeece, nada mais justo do que o BB arcar com os custos do tratamento. A Cassi está sobrecarregando a rede de atendimento devido ao alto índice de adoecimento, especialmente o mental, causado pela própria patrocinadora. Chegou a hora de darmos um basta e começar a cobrar essa

conta do banco”, pontuou Igor.

CONDIÇÕES DE TRABALHO

Em relação ao eixo condições de trabalho, Igor afirma que os 41 parágrafos que compõem o artigo sobre o tema, apontam que são necessárias uma série de melhorias para elevar a qualitativamente o ambiente de trabalho ao qual estão submetidos os funcionários e funcionárias do BB. O dirigente destaca o Parágrafo 25º, que propõe que o banco promova o fim da imposição de metas, e observe o estabelecido na minuta de reivindicações da categoria bancária sobre o tema. O inciso I do parágrafo acrescenta: a Mesa Temática sobre cobrança de metas será transformada em mesa temática permanente, com reuniões trimestrais.

EIXOS POLÍTICOS

A exemplo dos debates que ocorreram nos congressos da Caixa (Conecef) e nos encontros nacionais dos bancos privados, o CNFBB também indicou a reeleição de Lula como eixo político central da campanha salarial deste ano. A discussão sobre o papel do BB como banco público foi outro eixo bastante debatido. Essa discussão, inclusive, foi tema da primeira mesa do CNFBB.

Igor falou sobre o conflito que cerca o BB por ser uma empresa de economia mista. “Isso muitas vezes afasta o BB de sua vocação social de empresa estatal e o coloca na lógica de mercado de produzir resultados para satisfazer os acionistas”. O dirigente destacou que o banco deve cumprir impreterivelmente sua função social, voltando-se aos interesses coletivos e servindo como agente de fomento da política de crédito do governo federal.

Banestianos querem fim das demissões e da cobrança de metas

Rodadas de negociação seguem até agosto e bancários devem ficar atentos às convocações para assembleias e atos

Os bancários e bancárias do Banestes iniciaram a Campanha Salarial 2026 mobilizados pelo fim das demissões arbitrárias, da cobrança de metas e do adoecimento. A minuta de reivindicações foi entregue ao presidente do Banestes, Carlos Artur Hauschild, no dia 03 de julho e as rodadas de negociação acontecem em julho e agosto.

A minuta tem reivindicações cruciais para garantir melhores condições de trabalho e de vida aos bancários. Os banestianos querem reposição salarial da inflação acumulada mais 10% de reajuste, um aumento real em consonância com a alta lucratividade do banco (R\$ 91 milhões no primeiro trimestre do ano).

O fim das demissões (com ou sem justa causa) sem Processo Administrativo Disciplinar (PAD) e a adoção de um modelo de gestão livre de cobrança de metas e que combata as práticas de assédio moral e sexual no trabalho também estão na centralidade da pauta.

“Contamos com a participação dos banestianos nas assembleias, atos e na mobilização dos colegas no dia a dia do trabalho. Precisamos avançar na conquista de direitos e pôr fim ao que prejudica os trabalhadores. Já na entrega da minuta, cobramos do presidente Carlos Artur o fim das demissões sem o devido processo administrativo. O Banestes é o único banco público do Brasil que tem adotado essa medida arbitrária e isso é inadmissível”, convoca o diretor do Sindibancários/ES Marcelo Giacomini.



PRESIDENTE DO BANESTES, CARLOS ARTUR HAUSCHILD, RECEBEU A MINUTA DE REIVINDICAÇÕES DA CATEGORIA

“A saúde dos bancários também é prioridade e vamos defender um pacto pela saúde, no mesmo modelo proposto à Fena-ban. Esperamos evoluir para uma negociação equilibrada e que garanta avanços no Acordo Coletivo dos banestianos”, afirmou o coordenador-geral do Sindibancários/ES, Carlos Pereira Araujo (Carlão).

O BANESTES É NOSSO

Os banestianos também estão mobilizados e engajados na defesa do Banestes público e estadual, eixo político central da Campanha Salarial. Em agosto, será realizado um congresso para debater o tema e propor aos candidatos a governador a assinatura do termo de compromisso em defesa do Banestes público e estadual. A data será definida e divulgada no site e redes sociais do Sindibancários/ES.

Confira as principais reivindicações

- Reposição da inflação acumulada mais aumento real de 10%.
- REV linear e sem limite de renda.
- Fim das demissões sem conclusão de Processo Administrativo Disciplinar (PAD).
- Adoção de modelo de gestão sem metas e que combata o adoecimento físico e mental dos empregados.
- Contribuição do Banestes à Banescaixa, no mínimo, de forma paritária, e na forma de percentual, na mesma proporção das contribuições dos empregados.

Bancários e bancárias dos bancos privados exigem fim das demissões

Bancários e bancárias do Bradesco, Itaú e Santander definiram o fim das demissões e do fechamento de agências, melhores condições de trabalho, fim das metas abusivas e do assédio moral, como os principais eixos da campanha deste ano. As reivindicações dos bancos privados foram discutidas durante os encontros nacionais de cada banco, que aconteceram dia 19 de junho, em São Paulo.

Só no ano passado, o Bradesco fechou 1.356 unidades, o Santander encerrou as atividades de 579 agências e o Itaú fechou outros 399 pontos de atendimento.

O dirigente do Sindicato dos Bancários/ES Fabrício Coelho apontou as demissões e o fechamento de postos de atendimento como os problemas mais urgentes a serem enfrentados.

Fabrício também afirmou que o fecha-

mento de agências anda em conjunto com as demissões: “Esse processo de fechamento de agências não tem poupado nem os bancos públicos, mas, neste quesito, o Bradesco também vem exercendo o papel de ponta de lança da Febraban [Federação Nacional dos Bancos]”.

Para Weber Birchler, diretor do Sindibancários/ES, os pontos em destaque na pauta de reivindicações estão conectados. “Quando falamos em saúde do trabalhador, pensamos logo no adoecimento mental da categoria. Adoecimento que é causado pela imposição de metas abusivas e sobrecarga de trabalho, que está diretamente relacionada às demissões e ao fechamento de agências. Esse modelo de negócio do Itaú, baseado na busca obsessiva por novos recordes de lucro, é hoje o principal gatilho do adoecimento mental”, afirmou.

O Secretário-geral do Sindicato, Cláudio Merçon (Cacau), destacou que os funcionários e funcionárias devem se engajar de vez na campanha e se mobilizar para a luta: “Como todos sabem, uma mesa de negociação forte depende muito da mobilização da categoria. É esta união que nos fortalece na mesa de negociação”.

SANTANDER

O Santander é o único banco privado que tem um ACT específico aditivo à Convenção Coletiva de Trabalho da categoria. O ACT foi uma conquista dos funcionários do extinto banco público paulista Banespa. Quando o Banespa foi incorporado pelo Santander, em 2000, o movimento sindical conseguiu manter o acordo específico por meio de uma ampla mobilização dos funcionários e funcionárias.